

Mulheres e Medicina de Emergência: uma combinação divina

Eloisa Bohnenstengel^{1*}

¹ Médica do IMEDGROUP

*Autor correspondente. Endereço de e-mail: elo.bohnens@gmail.com

As mulheres estão envolvidas na medicina desde os tempos primitivos (Quando me refiro a mulheres, estou identificando o arquétipo feminino, não o gênero).

Muitos deuses míticos dos antigos gregos e romanos foram mulheres. O próprio Esculápio, deus grego da medicina perpetuou seu dom através de suas filhas, Higéia (preservação da saúde) e Panacéia (cura de todos os males). Práticos médicos no Egito, China e Índia também foram mulheres. Numa medicina rudimentar, misturando religião, lendas e algum mínimo conhecimento científico, o espaço ensejado a nós, mulheres, foi perdendo expressividade. Bem, foram muitas barreiras, fogueiras e preconceitos para chegarmos até aqui. Apesar do início difícil, este cenário vem mudando. Nos últimos 20 anos, dobrou o número de mulheres médicas no Brasil e é crescente a presença feminina na carreira médica. Na faixa etária mais jovem (até 34 anos), as mulheres já são maioria. Em oito anos, as mulheres serão maioria entre todos os médicos e mais de 80% dessas profissionais, em 2030, terão entre 22 e 45 anos. É o que indica estudo que subsidia o Plano Nacional de Fortalecimento das Residências em Saúde do Ministério da Saúde.

E a carreira de emergencista, que tanto demorou a ser entendida, estabelecida e reconhecida, também foi difícil para nós mulheres. Afinal, é a primeira especialidade para exigir a presença 24 horas de um médico assistente. Nós sacrificamos nossas vidas pessoais, famílias e nós mesmos ao longo de nossa carreira para garantir cobertura 24 horas/7 dias por semana, 365 dias ao ano. É uma atividade com altíssima demanda física, emocional, mental.

Se por um lado, é uma carreira muito dura, existem muitas vantagens sobre ser uma médica emergencista. Nossas habilidades em estabelecer vínculos simbióticos que vão além do trabalho e transbordam para a vida pessoal é notável. E quem mais consegue manejar casa, família, amigos, resolver problemas do trabalho e ainda rir das próprias mazelas? Outrossim, a flexibilidade em mudanças de cenários, a atenção a pequenos detalhes do paciente, do ambiente, do familiar, que muitas vezes escapam ao médico com olhar focado, com seus cones ávidos em precisão.

Quero refletir sobre 3 aspectos de uma mulher emergencista

1. Equilíbrio vida pessoal e trabalho

A maioria das coisas que vale a pena fazer exige muito esforço. Equilíbrio entre vida profissional e pessoal requer constante atenção e dedicação. É preciso estabelecer prioridades, acionar cadeia de ajuda e contar com apoio dos amigos e familiares, além de ter foco em suas conquistas. Reservar tempo para estar com pessoas queridas. Renunciar a um dinheiro extra em plantão para dar atenção a pessoa companheira (ou candidata a). Ter um bom senso de humor ajuda bastante, também. Pensar sobre seus próprios sonhos, seu propósito, sobre sua saúde. A Medicina é belíssima e inebriante, mas ser médica não é tudo.

E, por que ter tudo? Uma carreira de sucesso na medicina dura muitas décadas. Ser mãe, ser filha, realizar seus sonhos, ser boa amiga é para todo sempre. As responsabilidades de cada função são enormes e as recompensas são imensuráveis. Sob meu ponto de vista, é uma dádiva poder experimentar as maravilhas de todos os papéis a que nos propomos.

2. Desigualdades enfrentadas pelas mulheres no departamento de emergência.

Pense em um diretor de hospital. Na tua imagem, era homem ou mulher? Pense num gestor liderando uma equipe de alta performance. Você pensou em homem ou mulher? Pense em um profissional chorando escondido no hospital exausto por ter sido humilhado por um paciente ou um chefe inescrupuloso. Esta pessoa fragilizada era uma mulher ou homem?

Pelos últimos dados disponíveis da Pesquisa Demografia Médica no Brasil 2018, da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) com apoio do Conselho Federal de Medicina (CFM) e do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp), embora o público feminino esteja em crescimento, o salário ainda é menor aos dos homens que ocupam as mesmas posições. Temos menores probabilidades de sermos promovidas tão rapidamente na liderança acadêmica e administrativa.

Atualmente, imagine uma mulher concorrendo a um cargo de liderança ou entrevistando um novo emprego. Durante suas entrevistas, ela afirma que está tentando ativamente começar uma família com seu parceiro. Quão prejudicial isso é? Enquanto isso, um homem exatamente na mesma posição não é visto negativamente. Uma das coisas mais construtivas que um departamento pode fazer para

ajudar todos os funcionários é oferecer políticas de apoio às licenças materna e parental. À medida que nossas famílias se tornam mais diversificadas, políticas como essa se tornam ainda mais importantes na criação de igualdade e oportunidades para todos os membros de um departamento. Finalmente, o papel da mulher em sua família não termina quando uma criança nasce ou deixa de amamentar. Estudos nos mostram que as mulheres muitas vezes carregam muito mais do que 50% da carga de cuidado/corrente doméstica. Embora isso possa ter funcionado na década de 1950, não funciona para a médica moderna e continua a distorcer as regras do jogo. Sem reconhecimento e tentativa de mitigação disso, as médicas estão continuamente em desvantagem. Acrescento, que a desigualdade nem sempre está relacionada a maternidade. Às vezes é puro preconceito mesmo.

Lutar por políticas inclusivas nos hospitais e preferir trabalhar em locais que tenham este tipo de respeito, não apenas as mulheres, mas a diversas outras condições que causam preconceito parece um bom começo para começarmos a mudar este cenário.

3. O pedregoso caminho da gestão

Certamente você já deve ter ouvido a frase: “não nasci pra liderança”. Realmente, não é uma característica inata, afinal, tudo pode ser aprendido. Habitualmente faço uma pergunta para meus pupilos e mentorados: se todos os médicos da escala fosse clones teus, o plantão seria melhor? Os pacientes seriam melhor cuidados? Se a resposta for sim, é possível que o teu caminho seja, sim, pela gestão. Sabemos que uma das habilidades almejadas para o emergencista é a liderança, não exercida por ocupar um cargo, mas atuando de fato num papel de olhar sistêmico sobre tudo o que está acontecendo simultaneamente num departamento de emergência, estabelecendo prioridades, otimizando recursos, mesmo em situações de crise.

E, dentro das desigualdades enfrentadas pelas mulheres que já comentei, seguimos tirando as pedras do caminho.

E como se desenha o pipeline da liderança? Primeiramente entendo que é necessário um envolvimento em tudo que envolve gestão, a busca por oportunidades. Uma constante inquietação em perguntar-se como melhorar cada processo.

Em segundo lugar, a capacitação. O médico, tendo exercido seu papel assistencial, detendo o conhecimento de um gestor, consegue aliar e alinhar os dois horizontes e criar soluções com muito mais segurança ao paciente e a assistência. Em terceiro lugar, tendo inspiração em líderes que não apenas deem o exemplo, mas também possam apoiá-lo em seus sonhos e dificuldades.

Entendo que é hora de mudar esse cenário de desvalorização da mulher e ver cada vez mais mulheres dando sua importante contribuição para a defesa dos interesses da Medicina de Emergência, dos médicos, dos pacientes e da população.

Assim poderão influenciar com suas melhores características: a sensibilidade (com o poder de escuta e observação empática, exercendo seu caráter solidário);

flexibilidade (lidando com mudanças e gerenciando as possibilidades); visão holística (intuindo sobre situações baseada em repertório e informações, utilizando suas capacidades sociais de relacionamento); comunicação (posicionando-se de forma franca, utilizando seu tom de voz como arma de persuasão); confiança (liderando pelo exemplo e inspirando todos ao seu redor).

Imbuída desta paixão e força de vontade, agradeço por fazer parte da diretoria da ABRAMEDE, que confia a mim e a mais 3 mulheres em cargos de liderança, a responsabilidade de fazer a diferença.